

Ano III - N.º 85

Setembro-Outubro, 1961

Cr\$ 1,00

Momento Feminino



★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

★ **CLOTILDE BRAGA LINHARES**, Rainha do FESTIVAL da Juventude fluminense — ★

★ Seu sorriso exprime a esperança e a certeza dos jovens em conquistarem um
★ futuro de Paz e Felicidade. ★

★ ★ ★ ★ ★

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

BIBLIOTECA NACIONAL
Rio
de
Janeiro

PREÇOS QUE SOBEM SEMPRE

QUANDO OS NÚMEROS FALAM

Cresce o custo de vida. Cresce assustadoramente. já não falamos no calçado, no remédio, no vestuário, que constitui artigo de luxo, apesar de ser necessário. Cada vez é menos possível comprar um par de sapatos, que, mesmo ordinário, varia de Cr\$ 150,00 a Cr\$ 350,00. Roupa nem se fala, apesar da produção cada vez maior de tecidos. A estreptomocina, por exemplo, remédio aplicado na cura da tuberculose, só pode ser comprada por gente rica. E assim são outros produtos.

O aumento geral do custo de vida, de 1939 a 1950, foi de 319%.

CUSTO DE VIDA NO DISTRITO FEDERAL

Segundo dados publicados pelo Serviço de Estatística da Previdência e Trabalho, é o seguinte o aumento percentual do custo de vida na Capital da República, entre janeiro de 1950 e maio de 1951:

| | | | |
|------------------|---------|--------------------------|-------|
| Alimentação..... | 13,43% | Higiene.... | 2,95% |
| Habitação..... | 103,55% | Transporte.. | 5,66% |
| Vestuário..... | 8,94% | Luz e Com- bustível.. | 5,06% |

QUANTO VOCÊ GASTAVA ONTEM — QUANTO GASTA HOJE

Em 1939 você comprava 20 quilos de carne com Cr\$ 50,00, em 1951 você precisaria Cr\$ 360,00 para comprar a mesma quantidade de carne.

Só em São Paulo, de 1939 a 1951, o aumento do custo de vida foi de 318,7%. Num ano — de julho de 1950 a julho de 1951 — esse aumento foi de 41%.



CARTA DE UMA LEITORA:

URUGUAIANA, 26 de agosto de 1951.

Prezadas amigas de M. FEMININO

Acuso que recebi a conta que devo aí; peço às amigas que desculpem a falta de atenção. Aviso que o número 85 não recebi até o momento; remetê a importância, quando receber me escreva.

ALUGUEIS E PASSAGENS

Em Niterói, a Prefeitura resolveu fazer uma revisão nos impostos prediais aumentando-os consideravelmente. Isso significa que os aluguéis em Niterói vão ser aumentados nas mesmas proporções.

EM BELO HORIZONTE as passagens foram aumentadas. As lavadeiras, os operários, aqueles que moram em bairros distantes, tirarão mais alguns níqueis do pão dos filhos para as empresas de ônibus.

POR QUE?

Está constatado, inclusive com dados oficiais, o aumento sempre crescente do custo de vida. Mas, por que?

1º) OS LUCROS DAS EMPRESAS. Os grandes industriais, os grandes usineiros, querendo sempre mais lucros, aumentam os preços dos produtos. Não há controle de preços.

2º) OS PRODUTOS NACIONAIS —os minérios, o algodão, o cacau, os óleos vegetais são comprados a baixos preços pelos Estados Unidos, que nos vendem seus produtos manufaturados a preços elevados: combustíveis, máquinas, trilhos, automóveis, caminhões, etc. Esses preços cobrados ao Brasil encarecem o custo de produção, o transporte de mercadorias.

Ora, se o Brasil vendesse e comprasse livremente a todos os países do mundo, sem acompanhar a política de guerra dos Estados Unidos não estaríamos numa situação tão difícil em nossas casas. Por isso é que a luta contra a carestia está tão ligada à luta pelo entendimento entre os povos, pela Paz.

Amigas, o MOMENTO tem nos ajudado muito nas nossas lutas pela paz e mesmo para mais termos ligação com as mulheres; por isso peço que mande mais seguido, e pedimos mais vinte (20) exemplares, que quarenta (40) já não dão para nada.

Bem, no dia 11 de setembro vamos realizar um ato pela paz, e contra a carestia de vida.

Sem mais atentamente.

Abrços das amigas.

ass.) DEUZINA GOULART

RIO GRANDE DO SUL

VOCÊ ESTÁ COMBATENDO A CARESTIA?



As mulheres da cidade de Assis, em São Paulo, mandaram imprimir um abaixo-assinado dirigido ao Prefeito, que foi amplamente distribuído na cidade e entregue em dia determinado por intermédio de uma numerosa comissão de mulheres. O resultado é que o Prefeito pediu que fossem indicados três nomes, que integrariam a Comissão Local de Preços. Foram indicados, por unanimidade, os nomes das sras. Mercedes Batista de Godoi Rosa, Maria Luiza de Oliveira e Cacilda Pereira.

NA FEIRA DO IRAJÁ



Não, não é na Bahia. É ali mesmo no Irajá. Esta mãe preta carinhosa e boa, chamando a gente de «iajá», vende seus gostosos bolos de mandioca e côco. Depois de dizer que tudo estava difícil, pronunciou-se energicamente contra a guerra. Nada de mandar tropas para fora do Brasil, quem quiser faça guerra por sua conta. Nada de tropas, nada de mais sofrimentos!



O feirante, ainda cêdo, arruma sua mercadoria na barraca, que perambula em tôdas as feiras da cidade. Faz parte da imensa legião dos que trabalham para uma minoria.

Este é o feirante José Luiz Moreira.



Ostomates estão bonitos. E vocês sabem, tomate é um alimento indispensável. Desde a criancinha, que pode tomá-lo feito caldo com laranja, até o adulto em saborosas saladas.

Mas, o tomate já está custando cr\$ 18.00.

Quem pode comprá-lo?

MOMENTO FEMININO



As Crianças precisam de Leite

ANA

SESSENTA POR CENTO DO LEITE É INDUSTRIALIZADO

O quase nenhum consumo de produtos de origem animal, carne, ovos, leite, é o responsável pela subnutrição de nosso povo. Alimento precioso e indispensável para crianças, é consumido normalmente por uma pequena minoria privilegiada. No entanto, quase todo o leite produzido no Brasil é destinado à industrialização, isto é, se transforma em leite em pó, em queijo, em manteiga, etc. 60 por cento dos 2,4 bilhões produzidos é industrializado. Perde, assim, as naturais qualidades nutritivas, desaparece do mercado, encarece, mas os industriais enriquecem, vendendo manteiga a cr\$ 50,00 o quilo. No Brasil inteiro só existem 9 postos de refrigeração do leite, enquanto se contam 1.525 queijarias e 880 fábricas de lacteínios.

Vejamos alguns dados oficiais a respeito do consumo diário por pessoa:

| | gramas |
|--------------------------|--------|
| Dist. Federal | 149 |
| São Paulo | 179 |
| Belo Horizonte | 156 |
| Niterói | 143 |
| Porto Alegre | 158 |

Como se vê, mesmo o número maior de gramas não

representa um copo de leite por pessoa!

O LEITE DESAPARECE E MSAO PAULO

Com o propósito de aumentar cr\$ 0,90 no preço do litro de leite, o que significaria que o leite passaria a custar cr\$ 5,00, os produtores de leite fizeram desaparecer o precioso alimento em São Paulo. As mães ficaram desesperadas, com os filhos nos braços, sem uma gota de leite para alimentá-los. Mas, em vez de providências por parte do governo, para restabelecer a distribuição, normalmente já insuficiente, a polícia garantiu os depósitos, protegendo, assim os interesses criminosos dos donos do leite.

Em Cachoeiro do Itapemirim (Estado do Espírito Santo), o leite subiu de cr\$ 2,00 para cr\$ 2,50, o que motivou grandes demonstrações públicas de protesto, inclusive uma passeata com faixas e cartazes.

Em Juiz de Fora (Estado de Minas Gerais), o Sindicato dos Leiteiros está ameaçando a cidade de deixá-la sem leite, caso não seja autorizado o aumento.

MAS, AS CRIANÇAS PRECISAM DE LEITE

O problema do leite além de constituir um motivo de

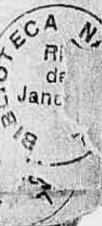
luta contra a carestia é, também, um meio de unir as mães em defesa da vida de seus filhos.

O tabelamento uniforme do leite, cujos preços variam — de cr\$ 3,00 no Distrito Federal, 4,10 ainda em S. Paulo, quando aparece, e em outras cidades, cr\$ 5,00 em Salvador e diversas localidades do Estado do Rio, cr\$ 5,20 em Cuiabá (Estado de Mato Grosso) até cr\$ 8,00 em Porto Velho e Rio Branco (Acre) é um traço de união entre tôdas as mulheres, para que as crianças possam beber leite.

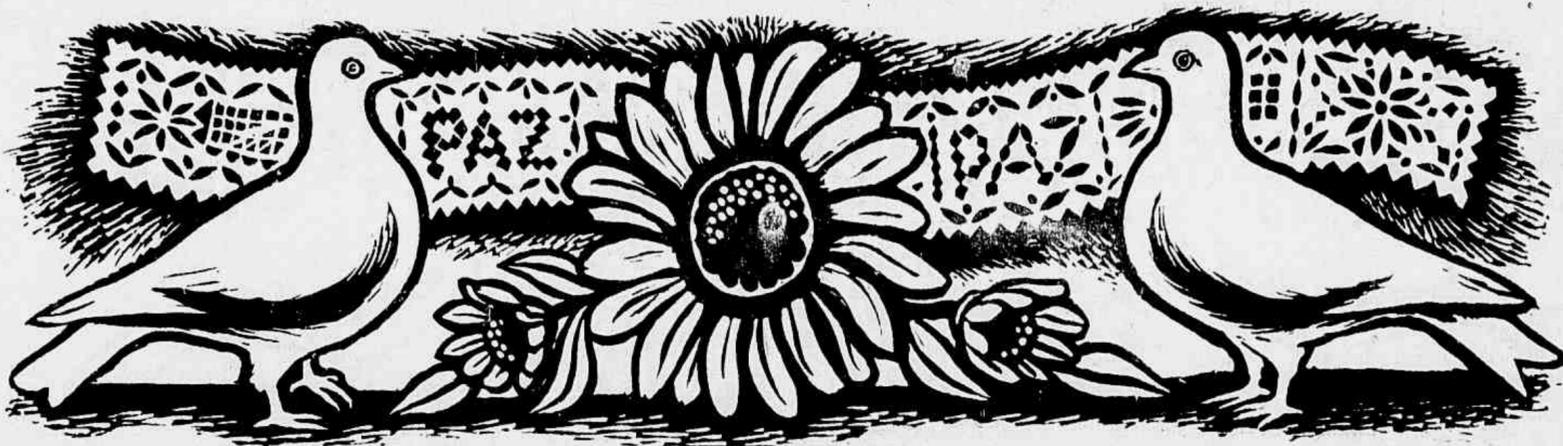
No Distrito Federal, as obras do Enrteposto de Triagem, para pasteurização do leite, onde já foram gastos 25 milhões de cruzeiros, está parada desde 1949.

As mulheres devem reunir-se em grupos, em comissões, para conquistar a instalação de frigoríficos nas cidades, de lactários nos bairros, conseguir um limite para a industrialização, exigir que a Legião Brasileira de Assistência cumpra as finalidades, que diz ter, de auxílio às crianças, distribuindo leite.

As crianças do nordeste não podem continuar comendo farinha de mandioca com água. Tôdas as crianças brasileiras precisam beber leite!



LIBERTADA ANISTIA PARA TODOS OS PRESOS



OS POVOS CONQUISTARÃO A PAZ

Dias após dia, casa por casa, caminham as mulheres brasileiras pelas ruas e morros, em busca de mais e mais assinaturas em favor da Paz. São quase dois milhões de brasileiros que, ao lado de milhões de pessoas simples do mundo inteiro, assinaram o Apêlo por um Pacto de Paz entre as Cinco Grandes Potências.

Por que caminham assim essas mulheres? Porque sabem que existe, terrível, o perigo de que seus filhos sejam sacrificados numa nova carnificina. Dois mil marujos brasileiros estão nos Estados Unidos ameaçados de seguir para a Coreia, ou para qualquer outro lugar que interesse aos provocadores de guerra.

As liberdades democráticas em nossa terra, como consequência direta da preparação guerreira do governo do Sr. Vargas, estão sendo cada vez mais golpeadas. Eleva-se a mais de uma centena o número de cidadãos brasileiros jogados à prisão, respondendo a processos-farsa. Três mulheres, Maria Afonso Lins, Fânia Alevak e Jean Sarkis pelo «crime» de exigirem a volta de nossos marujos e desejarem a paz, atendendo ao apêlo de suas mães e entes queridos, estão processadas no Distrito Federal. Duas jovens de menor idade, as irmãs Jimenez, foram condenadas a 1 ano e 3 meses de prisão, em São Paulo, porque disseram em público dos seus anseios por um mundo de paz.

Nossa querida amiga, Elisa Branco, vê surgirem na prisão os seus primeiros cabelos brancos. Em Recife, em São Paulo, são presos e perseguidos patriotas que lutam em defesa de nosso solo, contra as ameaças de um nova guerra.

E é porque desejam a felicidade para seus filhos, que as mulheres do Ceará saem em grupos

festivos sacola, a tiracolo, trazendo escrito: «coletadoras de assinaturas para um Pacto de Paz», levando palavras de esperança às mães dos marujos, levando a certeza de que a força organizada de todas as mulheres será capaz de barrar os planos sinistros dos provocadores de guerra.

Surge então, um mesmo anseio em todos os corações: ANISTIA PARA OS PRESOS E PERSEGUIDOS POLÍTICOS! É o mesmo movimento que em 1945, graças à enorme pressão popular, restituiu à liberdade o Cavaleiro da Esperança, Luiz Carlos Prestes, e todos os prisioneiros políticos.

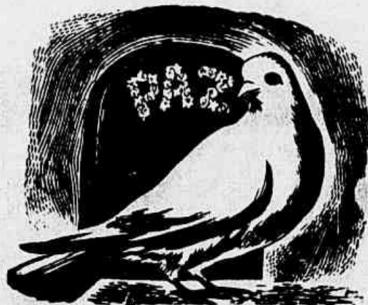
Está nas mãos do povo brasileiro arrancar das prisões Elisa Branco e suas companheiras! Está nas mãos do povo brasileiro deter a marcha de nosso país para o fascismo e a guerra!

Como fazê-lo? Intensificando a coleta de assinaturas POR UM PACTO DE PAZ entre as Cinco Grandes Potências, para mostrar, através de um número que exprima a opinião de milhões de cidadãos brasileiros, a vontade de paz de todo um povo.

Exigindo dos deputados e senadores do Congresso Nacional, dos juizes do Supremo Tribunal Federal, do Presidente da República, a libertação de Elisa Branco.

Lutando contra a carestia de vida sempre crescente, pelos direitos da mulher, em casa e no trabalho, pela defesa da saúde das crianças, do seu direito à alegria e à felicidade!

As mulheres brasileiras têm a seu lado, na conquista de uma pátria próspera e independente, todas as mulheres do mundo — pois todas anseiam por aquilo que constitui o maior bem da humanidade: a PAZ!



★
A velha mãe de Elisa Branco. Doente, é uma das filhas de Elisa, Florita, que lhe dá o remédio.

★
MOMENTO FEMININO

ELISA BRANCO

E PERSEGUIDOS POLÍTICOS

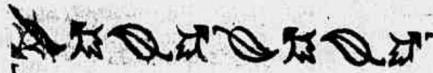
A vontade enérgica do povo brasileiro arrancou das grades da prisão a grande patriota e dedicada mãe de família, nossa querida amiga ELISA BRANCO.

O SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, em sua sessão de 20 de setembro, depois de ter transferido inúmeras vezes o julgamento, absolveu-a da pena injusta de 4 anos e 3 meses, em virtude dos votos favoráveis dos juizes Orozimbo Nonato (presidente), Abner de Vasconcelos, Nelson Hungria e Haneman Guimarães.

Três juizes votaram contra Elisa: Rocha Lagoa e Luiz Galoti, que queriam «diminuir» a pena para 3 anos e Mário Guimarães.

O presidente reconheceu, como todos nós já afirmávamos durante o longo ano de sua prisão, que Elisa não havia praticado crime algum. Criminosos são aqueles que diariamente, pela imprensa, fazem propaganda de guerra.

Essa foi uma grande vi-



tória das forças democráticas em nossa terra. O trabalho persistente das mulheres e de todo o povo, realizado através de cartas ao Tribunal, aos parlamentares, visitas às Câmaras, comandos de porta em porta, memoriais e abaixo assinados, foi coroado de êxito.

...Agora, Elisa está novamente entre nós, nos braços das filhas queridas, do companheiro e da velha mãe.

E' imensa nossa alegria, mas há ainda outros companheiros de luta que estão jogadas à prisão. No Distrito Federal, Marinete Afonso Lins e Jean Sarkis, gravemente doente, estão incomunicáveis numa cela escura da Penitenciária. Em São Paulo, as jovens irmãs Gimenez, continuam a cumprir a pena de 1 ano e 3 meses. Em Sergipe, em Pernambuco, em Minas, em toda parte, há inúmeras mulheres presas ou perseguidas, apenas porque desejam a paz e uma vida feliz para seus filhos.

Devemos agora conseguir que sejam asseguradas as liberdades democráticas em nossa terra. Que ninguém seja perseguido por manifestar suas opiniões.

Precisamos conquistar uma ANISTIA AMPLA para todos os presos e perseguidos políticos! Precisamos garantir a liberdade e a independência de nossa pátria!

A primeira grande vitória já foi alcançada: ELISA FOI ABSOLVIDA! Agora, caminhemos para novas vitórias: libertar nossas amigas presas e obter sentenças de milhares de assinaturas em favor da Paz!

Carta de ELISA

EXPEDIENTE

Diretora
Arcelina Mochel

Redação e Administração:
Rua Evaristo da
Veiga 16 sala 808 —

— RIO —

Os primeiros

Cabelos Brancos

«Querido companheiro e filhas»:

Escrevo ainda dentro destas grades, em que a reação me encarcerou, arrancando-me do convívio de vocês, do meu lar, o lar simples e honesto em que sempre vivi, pensando talvez que eu me curvasse e que me vendesse por 30 dinheiros, como se vendem esses canalhas que me prendem aqui.

Mas cada dia que passo aqui, os horrores que vejo, as arbitrariedades que me fazem, negando-me o que de mais justo peço, mais me revoltam contra eles, e mais me encorajam para lutar contra a guerra, a miséria e pela emancipação de minha pátria. Aproveito esta para enviar a vocês os primeiros fios de cabelos brancos — pois foi para as colegas de xadrez uma novidade encontrarem cabelos brancos em mim — criados aqui neste cárcere.

Como vêem, criei cabelos brancos aqui dentro destas quatro paredes, onde Getúlio e Garcez me encerram, mas podem crêr que aqui criei também mais ódio a êsses sugadores do sangue do povo. Criei também mais consciência de luta e me retempereei para as lutas vindouras.

Levem às companheiras de Santos e aos mais modestos camponeses e operários, que me têm trazido a sua solidariedade e têm-me ajudado a suportar estas algemas tão pesadas, os meus mais sinceros agradecimentos. Lembranças a minha afilhada Stalina Prestes Viva, cujo nome há de ser o exemplo do socialismo em nossa Pátria. Recebam as minhas saudades e muitos abraços de sua mãe e companheira.

ELISA».



COMPANHEIROS DE UM DIA

Conto de PEREIRA GOMES

Eu e êle — companheiros de um dia, vagabundos de sempre.

Identificamo-nos pelo roçado dos fatos e por certo desalento que irradiava dos nossos rostos pálidos, mais que das notícias afixadas no «placard», em frente. Trocados os olhares — conhecemo-nos. E talvez porque a palavra não írmana — separa — o olhar foi desde então a nossa linguagem. Até àquela noite ...

Ele vendia bugigangas e eu vendia o que tinha de meu. Enquanto tive. Depois, le reparti comigo as gravatas berrantes e os colares tão falsos como o nosso destino. Partimos.

Longe da cidade, calcorriamos vilas e lugarejos, certos de que aqui há sempre homens à espera duma gravata e mulheres a desejar um colar, falso que seja.

— Novidades baratas! — A voz era de um vencido.

— Gravatas e colares! — O pregão perdia-se nas ruas.

Deitadas as contas, nunca chegava à conta do jantar desejado. Isto, quanto a mim. Que êle, sabe Deus como (ou talvez não), lá ia amealhando uns níqueis.

Assim passaram cem dias num só dia: o primeiro igual a todos os outros, mas nenhum igual ao derradeiro. Porque neste, êle chegou com um sorriso nos lábios à trapeira em que dormíamos. Pousou sôbre a mesa a caixa misteriosa e os seus olhos misteriosos pousaram sôbre os meus. E eu nada li naquele olhar.

Só depois, aberta a caixa, compreendi tudo. Era um apare-

lho do T.S.F. comprado a prestações, melhor dizendo, a privações. Alimentara-se de sonho para economizar os níqueis. O sonho que eu via nos seus olhos oblíquos quando, em tardes paradas, se debruçava sôbre as flores de lótus, no lago da avenida. Todavia, o perfume, delas não lhe falava já de pagodes e jardins dormentes na terra em que seus maiores repousaram em paz. Paz... Pudesse êle amealhar pratas. Pudesse êle correr sôbre as ondas dos mares.

Assim, esperou que as ondas sonoras viessem até ali, à trapeira em que dormíamos.

Noite alta. Em redor, um silêncio de morte; dentro de nós um frêmito de vida, que tardava. Por fim, as notícias chegaram em palavras estranhas, que não entendí. A dois passos, meu irmão de desdita era uma esfinge. Para que estava eu assim de ouvido atento e respiração suspensa? Para que? E no entanto — lembro-me bem — minhas mãos tremiam mais que a frouxa luz do quadrante.

Através da janela, coisas e seres pareciam também suspensos naquele instante, à espera. E a frouxa luz subia, subia, e era como que o farol do mundo...

De repente, a voz dêle apunhalou tudo. — Xangai... em chamas.

Nem um soluço, nem um gesto de revolta. Calmo. So' as minhas mãos tremiam ainda, no desespero insensato de se contraírem sôbre a caixa sinistra. Contive-me por êle. Porque o seu olhar dizia: — Renascerá.

★ P A Z

ANTONIO MACHADO

Se a guerra é morte
E escravo te faz,
Sê livre e sê forte,
Lutando por Paz!

Se a Paz é a graça
E a festa do lar;
A guerra é desgraça,
Que o pode enlutar!

Nos dez mandamentos
Os filhos da terra
Têm dez instrumentos,
Que são contra a guerra!

O «Não Matarás»
E' um brado do céu
E um grito de Paz
Dos lábios de Deus!

LUIZ WERNECK DE CASTRO

Advogado

RUA DO CARMO, 49, 2.º ANDAR, SALA 2
Diariamente das 12 às 13 e das 16 às 18 horas
Fone 23-1064
EXCETO AOS SABADOS

CANÇÕES

Guillevic

Minha filha, o mar,
Tu o adivinhaste,
Não é um presente,
Que te possam dar.

Minha filha, a onda
E' um outro mundo,
Onde o pé se atola
E não há resposta.

O horizonte, filha,
E' um nobre senhor,
Que te receberá
Quando tu o abrires.

Minha filha, o espinho,
Tu já o sentiste,
Não faz amizades
Que não sejam dôres.

Minha filha, a dança
Que eu possa te ensinar
Está nos olhos teus
E tu a seguirás.

E, filha, a esperança,
Mais forte que o mar,
Mais forte que o espinho,
A onda e a dança.



VIDAS SECAS

Romance de GRACILIANO RAMOS

MOMENTO FEMININO apresenta hoje a seus leitores o 1º Capítulo de «Vidas Secas», de autoria de um dos maiores romancistas brasileiros da atualidade — GRACILIANO RAMOS.

MUDANÇA

NA PLANÍCIE avermelhada os joazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos joazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aiol a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

Os joazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

— Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois, sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. Como isto não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando baixo.

A caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossada. O vôo negro dos urubus fazia círculos altos em redor dos bichos moribundos.

— Anda, excomungado.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário — e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde.

Tinham deixado os caminhos, cheios de espinho e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés.

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a idéia de

abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba ruiua e suja, irresoluto, examinou os arredores. Sinhá Vitória estirou o beíço indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto. Fabiano meteu a faca na bainha, guardou-a no cinturão, acocorou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados no estomago, frio como um defunto. Ai a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. Entregou a espingarda a Sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos. Sinhá Vitória aprovou esse arranjo, lançou de novo a interjeição gutural, designou os joazeiros invisíveis.

E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande.

Ausente do companheiro, a cachorra Baleia tomou a frente do grupo. Arqueada, as costelas à mostra, corria ofegando, a língua fora da boca. E de quando em quando se detinha, esperando as pessoas, que se detardavam.

Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira duma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali terão havia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto. Agora, enquanto parava, dirigia as pupilas brilhantes aos objetos familiares, estranhava não ver sobre o baú de folha a gaiola pequena onde a ave se equilibrava mal. Fabiano também às vezes sentia falta dele, mas logo a recordação chegava. Tinha andado a procurar raízes, à toa: o resto de farinha acabara, não se ouvia um berro de rez perdida na caatinga. Sinhá Vitória queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão. Despertara-a um grito áspero, vira de perto a realidade e o papagaio que andava furioso, com os pés apalhetados, numa atitude ridícula. Resolvera de sopetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando as mesma que ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras

(Cont. na pagina 10)

Chegou a Primavera



As mocinhas adoram quando chega a primavera. Vestidos alegres de cores vivas, de tecidos leves, enfeitados de fus-tão, de sianinha, de organza, são próprios para a idade e enfeitam a graça natural de suas figuras jovens.

Não é necessário que as suas filhas vistam sêda. O algodão, a opala, o meio linho são fazendas ideais para os vestidinhos que apresentamos hoje.

Vestido de meio linho azul intenso, guarnecido de mesma fazenda, branca ou creme, na saia ampla.

Vestido de «pois», com gola formando laço no ombro, pregas que vão da ampla, onde se repete o movimento do laço.

Vestido de algodão ou linho quadriculado, com gola e barra de fus-tão, organza ou cambraia.

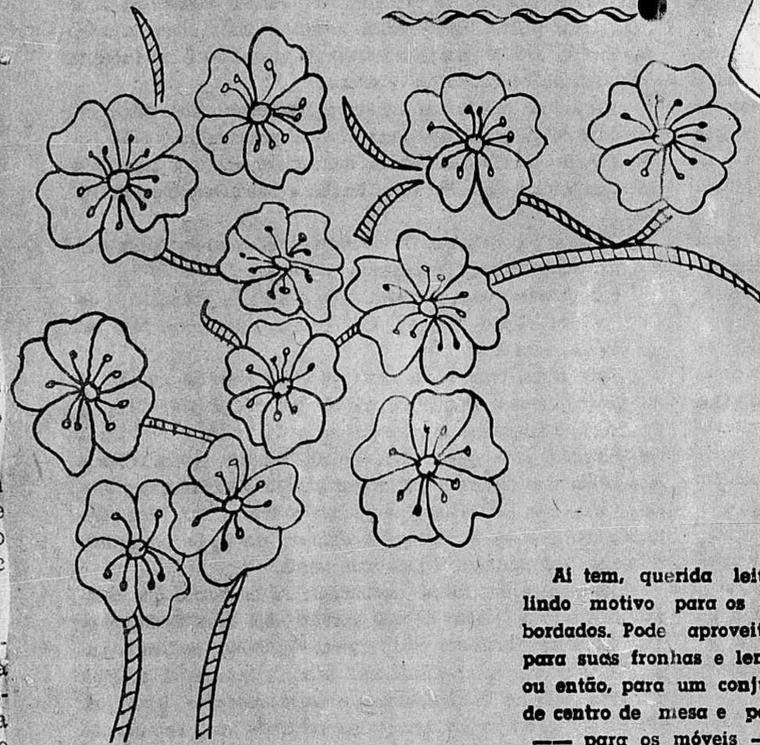
Vestido em tom forte, com laço aplicado na blusa e no bolso da saia, de feição original, em fazenda de tom contrastante.

Vestido de algodão quadriculado, levando uma gola sobreposta de fus-tão branco com gravatinha de veludo escuro. O fus-tão branco guarnece também os bolsos sobre saia golê, com uma prega na frente.

Elegante vestido para um passeio à tarde — a saia e a blusa são fechadas com dois grandes botões de madre-
— pérola —



Um bonito modelo — a blusa drapeada, em trans-passe, e a saia cortada em pregas superpostas —



Ai tem, querida leitora, lindo motivo para os seus bordados. Pode aproveitá-lo para suas fronhas e lençóis ou então, para um conjunto de centro de mesa e panos para os móveis —



BELEZA

COMO CUIAR DA PELE NO INVERNO

É o inverno um grande inimigo da beleza feminina. O vento frio resseca e enfeia os seus cabelos, sua pele e os seus lábios. Torna-se necessária, portanto, uma proteção mais adequada na temporada fria.

Para sua cutis, use crêmes mais oleosos e dispense ao máximo as bases líquidas.

Para os lábios, aplique à noite manteiga de cacau para evitar as rachaduras. Use também um baton mais oleoso e passe sobre o mesmo uma leve camada de vaselina, que, além de proteger os lábios embelezá-los.

Faça semanalmente massagem à base de óleo, para que seus cabelos conservem o brilho.

APROVEITEM A ÁGUA DAS CHUVAS

Talvez muitas de vocês não saibam que a água das chuvas presta-se para excelentes loções para a pele. Se você tem pele seca, aproveite esta receita: 1 colher de sopa de água de chuva e 1 de suco de tomate. Aplique esta solução à noite, antes de deitar-se e veja como sua cutis amanhecerá rejuvenescida. Um cuidado, entretanto, é importante. Só utilize água colhida diretamente da chuva e não a que escorre de calhas, telhados, etc., para evitar impurezas.

Vidas Sêcas

(Continuação)

curtas. O louro aboiava, tangendo um gado inexistente, e latia arremedando a cachorra.

As manchas dos joazeiros tornaram a parecer, Fabiano ali-geirou o passo, esqueceu a fome, a cancela e os ferimentos. As alpercatas dêle estavam gastas nos altos, e a embira tinha-lhe berto entre os dedos rachaduras muito dolorosas. Os calcanhares, duros como cascos, gretavam-se e sangravam.

Num cotovelo do caminho avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar. A voz saiu-lhe rouca, medonha. Calou-se para não estragar força.

Deixaram a margem do rio, acompanharam a cerca, subiram uma ladeira, chegaram aos joazeiros. Fazia tempo que não viam sombra.

Sinhá Vitória acomodou os filhos, que arrearam as trouxas, cobriu-os com molambos. O menino mais velho, passada a vertigem que o derrubara, encolhido sobre as folhas sêcas, a cabeça encostada a uma raiz, adormecia, acordava. E quando abria os olhos, distinguia vagamente um monte proximo, algumas pedras, um carro de bois. A cachorra Baleia foi enroscar-se junto dêle.

Estavam num pátio de uma fazenda sem vida. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido.

Fabiano procurou em vão perceber um toque de chocalho. Avizinhou-se, bateu, tentou forçar a porta. Encontrando resistência, penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um barril vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral. Trepou-se no mourão do canto, examinou a caatinga onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus. Desceu, empurrou a porta da cozinha. Voltou desanimado, ficou um instante no copiar, fazendo tenção de hospedar ali a família. Mas chegando aos joazeiros, encontrou os meninos adormecidos e não quiz acordá-los. Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo capim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira.

Nesse ponto Baleia arrebitou as orelhas, arregaçou as ventas, sentiu o cheiro de preás, farejou um minuto, localizou-os no morro proximo e saiu correndo.

Fabiano seguiu-a com a vista e espantou-se: uma sombra passava por cima do monte. Tocou o braço da mulher, apontou o céu, ficaram os dois algum tempo aguentando a claridade do sol. Enxugaram as lágrimas, foram agachar-se perto dos filhos, suspirando, conservavam-se encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeito, vencida pelo azul terrível, aquêle azul que deslumbrava e endoidecia a gente.

Entrava e saía dia. As noites cobriam a terra de chofre. A tampa anilada baixava, escurecia, quebrada apenas pelas vermelhidões do poente.

Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores. O coração de Fabiano bateu junto do coração de Sinhá Vitória, num abraço cançado, aproximou os farrapos que os cobriam. Resistiram à fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem ânimo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava.

Lam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram todos gritando. O menino mais velho esfregou as pálpebras, afastando pedaços de sonho. Sinhá Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo.

Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiar a morte do grupo. E Fabiano queria viver. Olhou o céu com resolução. A

nuvem tinha crescido, agora, cobria o magro inteiro. Fabiano pisou com segurança, esquecendo as rachaduras que lhe estragavam os dedos e os calcanhares.

Sinhá Vitória remexeu no baú, os meninos foram quebrar uma haste de alecrim para fazer um espêto. Baleia, o ouvido atento, o trazeiro em repouso e as pernas da frente erguidas, vigiava, aguardando a parte que lhe iria tocar, provavelmente os ossos do bicho e talvez o corvo.

Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio sêco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo para cima, olhando as estrelas que tinham nascendo. Uma, duas, três, quatro, havia muitas estrelas, havia mais de cinco estrelas no céu. O poente cobria-se de cirrus — e uma alegria doida enchia o coração de Fabiano.

Pensou na família, sentiu fome. Caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não diferenciava muito da bolandeira de seu Tomaz. Agora, deitado, apertava a barriga e batia os dentes. Que fim teria levado a bandoleira do seu Tomaz?

Olhou o céu de novo. Os cirrus acumulavam-se, a luz surgiu, grande e branca. Certamente ia chover.

Seu Tomaz fugira também, com a seca, a bandoleira estava parada. E ele, Fabiano, era como a bolandeira. Não sabia porque, mas era.

Uma, duas, três, havia mais de cinco estrelas no céu. A lua estava cercada dum halo côr de leite. Ia chover. Bem, a Caatinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, Sinhá Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a caatinga ficaria tôda verde.

Lembrou-se dos filhos, da mulher, da cachorra, que estavam lá em cima debaixo de um joazeiro, com sede. Lembrou-se do preá morto. Encheu a cuia, ergueu-se, afastou-se, iento, para não derramar a água salobra. Subiu a ladeira. A aragem morna sacudia os chique-chiques e os mandacardús. Uma pal-pitação nova. Sentiu um arrepião na caatinga, uma ressurreição de garranchos e folhas sêcas.

Chegou. Pôsa cuia no chão, escorou-a com pedras, matou a sede da família. Em seguida acocorou-se, remexeu o aiol, tirou o fuzil, acendeu as raízes de macambira, soprou-as, inchando as bochechas cavadas. Uma alabareda tremeu, elevou-se, tingiu-lhe o rosto queimado, a barba ruiva, os olhos azuis. Minutos depois o preá torcia-se e chiava no espêto de alecrim.

Eram todos felizes. Sinhá Vitória vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de Sinhá Vitória, as nádegas bambas de Sinhá Vitória engrossariam, a roupa encarnada de Sinhá Vitória provocaria a inveja de outras caboclas.

A lua crescia, a sombra leitosa crescia, as estrelas foram esmorecendo naquela brancura que enchia a noite. Uma, duas, três, agora havia poucas estrelas no céu. Ali perto a nuvem escurecia o morro.

A fazenda renasceria — e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria o dono daquele mundo.

Os troços minguados juntavam-se no chão: a espingarda de pederneira, o aiol, a cuia d'água e o baú de folha pintada. A fogueira estalava. O preá chiava em cima das brasas.

Uma ressurreição. As côres da saúde voltariam à cara triste de Sinhá Vitória. Os meninos se espojariam na terra fôfa do chiqueiro das cabras. Chocalhos tinlinteriam pelos arredores. A caatinga ficaria verde.

Baleia agitaria o rabo, olhando as brasas. E como não podia ocupar-se daquelas coisas, esperava com paciência a hora de mastigar os ossos. Depois iria dormir.

A GAIOLA DE OURO

Um rico menino ganhou um dia um lindo passarinho. Fôra sempre seu sonho ter um canário que lhe alegrasse o quarto com seu lindo canto.

O canário foi posto numa gaiola em que havia o necessário para êle comer, beber e brincar. Mas o passarinho não cantava nunca. Nunca fêz ouvir ao menino o seu canto mavioso. Empoleirado no balanço, passava horas e horas triste e encorujado.

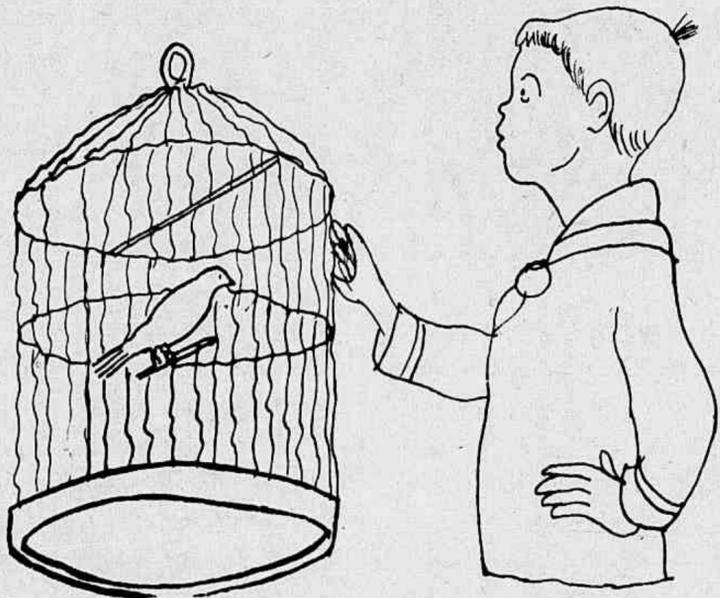
De olhinhos fechados, pensava nos dias felizes de sua liberdade, voando alegre na companhia de outros canários pelos campos floridos.

O menino julgava que o passarinho não cantasse por causa daquela gaiola. Substituiu-a então por outra de ouro. Mas o passarinho continuava tristonho.

Não compreendendo a causa da tristeza do canário, o menino se aproximou dêle e perguntou-lhe:

— Não gostas de viver numa gaiola de ouro?

— Não!... meu pequeno. Prefiro viver livre ao relento, do que preso numa gaiola de ouro.



HORIZONTAIS: 1 — Triste, que causa tristeza. 5 — Uma das peças no jogo de xadrez. 6 — Repetição mais ou menos clara de um som. 8 — Outra coisa, o mais. 9 — Fôrma arcaica do artigo «o». 10 — A parte da cosinha onde se acende o fogo. 12 — Pequena argola. 13 — Composição poética dividida em estrofes simétricas. 14 — Fôrma sincopada de maior. 15 — Tontura de cabeça, vertigem.

VERTICAIS: 1 — Adoçado com mel. 2 — Interjeição, exprime admiração ou espanto. 3 — Até, por aférese. 4 — Olho simples dos insetos. 5 — Pouco espêsso. 7 — Cheiro agradável, aroma (poético). 11 — Individuo contra quem se intenta um processo judicial. 12 — Ave pernalta, parecida com o avestruz.



Este é um flágrante da festa oferecida pelos pais de Léa de Oliveira, por ocasião de seu aniversário.

ANIVERSARIOS

JULHO, 17 — Olga Cardia Gonçalves, filha de Antonio Lopes Gonçalves e Aymar Cardia Gonçalves, de Nilópolis, Est. do Rio.

21 — Antonio Lopes Gonçalves, Nilópolis.

23 — Léa de Oliveira, filha de Alcirio Gomes de Oliveira e Maria da Cinceição de Oliveira, de Nilópolis, Est. do Rio.

28 — Manuel Rufino Ne-

to e Quitéria Maria, filhos de Clodomira Aquino e Otílio Pinheiro, do Ceará.

29 — Sebastiana Paula, colaboradora de «Momento Feminino», de Engenho de Dentro (Distrito Federal)

SETEMBRO, 20 — Francisca Guerra dos Santos, que propoza «Momento Feminino» em Niterói,

BATIZADO — 23 de Setembro, José Carlos Marx e Mário Galdino, filhos de nossos amigos do D. Federal, D. Rail Abranches e Saulo Abranches.

**TRATAMENTO DO CASAL ESTERIL
MOLESTIAS DE SENHORAS — OPERAÇÕES**

DR. CAMPOS DA PAZ FILHO

— GINECOLOGISTA —

— Caixa de Pensões da Light —

(Laureado pela Academia de Medicina)

Ed. Carioca — Sala 218 — Tels. 42-7550 e 38-5656



TEXTOS E DESENHOS DE LÉA SÁ

1 — Pedrinho e Elsa vão radiantes para a escola!

No pátio encontraram seus coleguinhas também muito felizes... Sabem por que tanta alegria? Era dia 7 de Setembro, um grande feriado! As crianças não iam ter aula mas festejariam o dia da Independência do Brasil!

2 — Viva o dia 7 de setembro! Viva José Bonifácio que ajudou D. Pedro a separar o Brasil de Portugal! — Viva D. Pedro II saudou a professora da turma. — Viva! responderam as crianças em coro. — «Independência ou Morte!» — gritou Pedrinho.

3 — As crianças já haviam aprendido durante o ano, nas aulas de História do Brasil que foi em 7 de Setembro de 1822 que nosso príncipe regente D. Pedro proclamou a Independência do Brasil. A professora sempre apontava seu retrato na parede da sala de aula.

4 — Lá havia também outro retrato: era de Tiradente, grande figura da nossa história que foi traído morreu enforcado unicamente porque sonhava e lutava pela Independência do Brasil! Pedrinho entusiasmado gritou: — Viva Tiradentes — o grande herói da Independência!

As mulheres argentinas defendem a Paz



Durante o Congresso da Federação de Mulheres do Brasil realizado recentemente em São Paulo, tivemos ocasião de ouvir a sra. Rosa Hardy, delegada fraternal da União de Mulheres Argentinas.

Disse-nos inicialmente a sra. Hardy, após assinalar a importância da realização desse 1º Congresso de Mulheres, como se iniciou o movimento feminino democrático em sua Pátria.

— Desde 1947, empreendemos uma luta contínua em defesa dos interesses da mulher e da criança. Estabelecemos um programa de reivindicações femininas, contra o elevado custo de vida e em defesa das crianças, isto é, pela paz.

Pedimos-lhe alguns dados sobre a carestia:

— É um dos problemas mais sérios que preocupa as mulheres argentinas, as mães e donas de casa. Os artigos de 1ª necessidade aumentaram de preço, nos últimos 3 anos, em mais de 300%. O leite passou de 20 centavos para 1 peso. Os



A vida e a saúde das crianças constitui uma grande preocupação em toda parte. Na União Soviética, o governo cuida para que nada falte às crianças, — em toda parte, no bairro ou na fábrica, as crèches e jardins de infância facilitam o trabalho das mães. Professôras especializadas orientam as crianças; os brinquedos, em abundância, são sempre a

— grande atração —

gêneros de sapatos desaparecem dos armazéns e dos mercados, a fim de provocar novas altas de preço.

Há algumas experiências interessantes no movimento das mulheres contra a carestia? — perguntamos.

— Sim, responde-nos Rosa. As mulheres lutam principalmente para forçar o reaparecimento dos gêneros sonegados. Assim, em Barracas, bairro operário, des-

pareceu o carvão, que é indispensável para cozinhar. Organizou-se uma comissão de mulheres, que começou a lutar para que aparecesse o carvão: fizeram volantes, realizaram comícios na feira e colheram centenas de assinaturas em abaixo-assinados. Graças a essa iniciativa e à decisão das mulheres, o carvão reapareceu pouco depois.

— Há outras experiências, continua Rosa. Em Mendoza, desapareceu o sabão. As mulheres iniciaram imediatamente um movimento pelo seu reaparecimento e foram vitoriosas. A carne, uma das maiores riquezas do país, aumentou de 1 para 5 pesos, o que é um verdadeiro absurdo. Fizeram então uma grande campanha pela redução dos preços. Imprimiram volantes, realizaram palestras, fizeram correr um memorial, que obteve 100 mil assinaturas, entre os habitantes de Buenos Aires. Um dia na semana, fizeram boicote à compra de carne. Dessa ma-

neira, durante todo um mês, foi realizada uma grande campanha de protesto contra aquele aumento absurdo.

Qual a principal atividade que realiza hoje a UMA?

— Hoje, diante do grande perigo de uma nova guerra mundial, a grande preocupação das mulheres argentinas é defender a paz. Assim, estamos vivamente empenhadas na campanha de coleta de assinaturas para o apelo por um pacto de paz entre as cinco grandes potências. Por que achamos que somente num mundo de paz é possível a felicidade das crianças e o bem estar de todos os lares. Temos já mais de 300.000 assinaturas colhidas.

Existe ainda o perigo do envio de tropas argentinas para a Coréia?

— Sim, mas, graças ao nosso esclarecimento de todo o povo, especialmente em Buenos Aires e Rosário, ainda não foram enviadas. Nesta última cidade, houve um grande desfile de 50.000 pessoas, que caminharam 15 kms. bradando «Não queremos ir para a Coréia». O governo declarou que «faria o que quisesse o povo». Faremos então um amplo plebiscito, para que o povo se declare sobre o envio de tropas.

Rosa diz-nos alguma coisa sobre o trabalho em defesa das crianças argentinas:

— Em muitas sedes do bairro da UMA instalamos jardins de infância, embora muito simples, a fim de auxiliar as mães que trabalham fora do lar. Ali colocamos algumas mesinhas e cadeiras, brinquedos, bonitas estampas nas paredes e, destacamos uma das associadas para atender às crianças. Essa é uma boa experiência no nosso trabalho junto às crianças.

Essas foram as opiniões que nos transmitiu nossa amiga da Argentina. Despedimo-nos, desejando-lhe êxito em suas atividades futuras.

A CULTURA É O GUIA DO PROGRESSO E DA FELICIDADE

LÊ:

| | |
|---------------------|--|
| ALINA PAIM | SIMÃO DIAS |
| WANDA WASSILEVSKA | O ARCO IRIS |
| ANA SEGHERS | A SÉTIMA CRUZ |
| V.I. LENIN | O SOCIALISMO E A GUERRA |
| MAXIMO GORKI | A MÃE |
| JULIUS FUCHIK | TESTAMENTO SOB A FORÇA |
| ANDRÉ RIBBARD | HISTÓRIA DO POVO FRANCÊS |
| FERNANDO SEGISMUNDO | HISTÓRIA POPULAR DA INSURREIÇÃO PRAIEIRA NO PAÍS DO CARNAVAL, CACAU E SUOR |
| JORGE AMADO | INFÂNCIA |
| GRACILIANO RAMOS | PASSOS GREGOS |
| MILTON PEDROSA | CONTRA A GUERRA E O IMPERIALISMO |
| LUIZ CARLOS PRESTES | |

TODOS ESSES E MUITOS OUTROS LIVROS E REVISTAS ESTÃO A VENDA NA

EDITORIAL VITÓRIA
Rua do Carmo, 6, 13º and. s/1.306
Tel. 22-1613

Na Tecelagem Macul

Reportagem de CARLOS, SÃO PAULO

Quem quer que passe pela rua São Luiz, em Marília (São Paulo), em frente à Tecelagem Macul, tem a sua atenção voltada para numeroso grupo de moças que ali estaciona, umas sentadas pelas calçadas, outras à sombra de prédios vizinhos. São moças que aguardam a hora para entrar em serviço. Ficamos sabendo que ali trabalham perto de 200 moças bastante jovens, divididas em dois grupos. Um grupo trabalha numa ala do prédio e o outro na ala oposta. A indústria que trabalha com RAMI ocupa todo um quarteirão.

CONDIÇÕES DE TRABALHO

As condições de trabalho no que diz respeito à higiene são precaríssimas, principalmente na seção de tinturaria.

REMUNERAÇÃO DO TRABALHO

A remuneração da turma que trabalha no período noturno é feita à base de tarefa. Uma operária para conseguir tirar Cr\$ 30,00 por dia precisa ser muito eficiente, trabalhar sem descansar, para fazer 40 metros de tecido de rami. A remuneração por metro de tecido feito é de Cr\$ 0,30 a Cr\$ 0,80. Essa última importância só é paga às operárias muito práticas no serviço. Já a turma que trabalha à noite ganha por hora, na base de Cr- 2,00, o que é uma miséria.

HORARIO DE TRABALHO

A fábrica começa a trabalhar às 6 horas da manhã, o que

obriga as operárias a se levantarem muito cedo. Muitas, se levantam antes das 5 horas da manhã, quando ainda é muito escuro. A maioria reside longe do local de trabalho e, na hora do almoço, precisa percorrer longa distância até chegar e à casa, comer às pressas e voltar para o trabalho dentro do horário de duas horas para o almoço, pois a tecelagem não mantém refeitório.

EXPLORAÇÃO DE MENORES

Muitas são as operárias de 14 e 15 anos que ali procuram trabalho e são admitidas para experiência. Trabalham por uma baixa remuneração, enquanto não têm prática do serviço, passando lentamente para escalas maiores de salários, porém nunca ultrapassando os Cr\$ 0,80 por metro de tecido.

MATERIAL DEFICIENTE

As massarocas de rami fornecidas para o trabalho muitas vezes são mal feitas, obrigando a constantes interrupções, devido ao rompimento do fil. Outras vezes são as lançadeiras dos teares que escapam atoa, prejudicando a realização da tarefa e conseqüentemente reduzindo a produção individual.

E, assim, têm muitos motivos de luta as operárias da Tecelagem Macul: refeitório, higiene no local de trabalho, melhor material e aumento de salários.

**DR. IRUN
SANT'ANNA**

Clínica Médica
Consultório

Rua S. Pedro, 28
— NITEROI —

3.ªs, 5.ªs e Sábados
Das 9 às 11 horas

Como Lutam as Mulheres de Maceió

MARIA AUGUSTA N. MIRANDA

Andei conversando com algumas mulheres que trabalham na Fábrica Alexandria, em Bom Porto. Todas têm as suas dificuldades e seus problemas para contar. Com os salários que recebem, com a falta de escolas para os filhos, que vivem

sem amparo, muitos são esses problemas e essas dificuldades. Mas, é melhor escutá-las.

Uma das sras. com quem conversamos, naturalmente muito triste, contou o seguinte:

—Minha família é composta de 12 pessoas e apenas 2 trabalham, percebendo, cada uma, o pequeníssimo salário de Cr\$ 99,70. Como manter tão numerosa família? Como poderemos botar as crianças na escola, se temos que pagar livros, fardas, etc. Não é possível tirar do salário que mal dá para não morrerem de fome. Só nas segundas-feiras é que botamos feijão no fogo. Comemos pão seco toda a vida, pois manteiga só conhecemos de ouvir falar.

Antigamente, feijão era comida de pobre. Hoje, até

o feijão desapareceu de sua panela de barro.

Outra sra., com quem tive-mos oportunidade de conversar, mostrou-se indignada com a atuação da atual presidente da L.B.A., em Alagoas, que suspendeu o fornecimento de leite, de exoval para os recém-nascidos, de assistência médica e de remédios, sob a alegação de que o Estado está em má situação financeira.

— O que mais senti foi ela tirar o leite, indispensável aos meus filhos, que são seis.

Essa é a situação real das mães de Maceió e é, também, a de milhares de mães em todo o Brasil, olhando desesperadas para a sorte das crianças famintas, mas que, juntas, poderão dar uma sorte melhor e diferente a essas crianças.

CONVERSANDO COM OS LEITORES

AMIGAS DE CURITIBA (Paraná) — Há algum tempo vocês nos mandaram uns retratinhos relativos às comemorações do 1º de maio em Maringá. Chegaram quando o número já estava pronto, daí terem ficado para o seguinte. Convidamos o leitor a entrar entre um número e outro, as referidas fotografias foram publicadas por outro jornal, mas os comentários que vocês nos haviam enviado. Assim, deixamos de publicá-los e vocês não compreenderão a razão. No entanto, esperamos que novas fotos e novas notícias nos venham dessa e das demais cidades do Paraná. Por que vocês não nos mandam reportagens, sobre fábricas ou sobre a vida das mulheres e crianças? Muito agradeceríamos a atenção de vocês ao nosso pedido.

ZILDA LIBRELLI DE MORAIS — Assis (São Paulo) — Condição que vocês mesma diz não foi culpa nossa a falta de publicação a respeito da União Feminina dessa cidade. Quando reestruturada, vocês mande novas notícias, especialmente a respeito dos trabalhos que estiverem sendo realizados. Também, reportagens sobre a vida e problemas da cidade, se possível acompanhadas de fotografias. Em que se ocupam as mulheres daí? Você não poderia mandar uma reportagem sobre uma fábrica ou outra qualquer empresa onde trabalhem mulheres? Seria ótimo!

**DOENÇAS NERVOSAS E MENTAIS
DR. FRANCISCO DE SÁ PIRES**

Psicoterapia e Análise
Professor de Clínicas Psiquiátrica
RUA SANTA LUZIA, 732, S/ 718, 7.º ANDAR
Diariamente

Água! Exigem as mães de Parada de Lucas

LENA

Parada de Lucas é um bairro do Distrito Federal servido pela Estrada de Ferro da Leopoldina. Quem mora aqui sabe que espécie de transporte é o da Leopoldina. Foi em Parada de Lucas, onde tudo falta, desde a escola até a água, que esteve a reportagem de MOMENTO FEMININO através de ruas em forte declive e sem calçamento.

Tivemos oportunidade de verificar, de perto, os sofrimentos das mães de família da Parada de Lucas, onde não existe sequer um Posto Médico. As crianças acometidas de coqueluche, estão com os olhos feitos uma posta de sangue, sem o socorro de uma vacina, sem quaisquer cuidados, completamente abandonadas.

As donas de casa andam acima e abaixo para fazer compras, pois não existe um mercadinho, nem mesmo um caminhão de venda. Se já não tivessem o problema angustioso da água, sobre o qual elas mesmo falarão, a falta de um lugar para fazer compras já significaria um sacrifício. Mas, ouvimos das mães de família da Parada de Lucas, o que elas têm a dizer, sobre seus problemas e suas necessidades.

A primeira ouvida por nossa reportagem foi dona Enedina Santos Bezerra:

— Sou mãe de 7 filhos me-



nores e é fácil calcular a dificuldade para conseguir água, já que não tenho dinheiro que chegue para pagar, pois custa cr\$ 2,00 o carregamento de uma lata d'água. Tenho que botar meus filhos para fazer isso, inclusive minha filha de 13 anos que está quase cega.

Verificamos, depois de conversar com dona Enedina que sua filhinha está quase cega por causa de uma avitaminose. Crianças cegas pela fome! Essa sra. nos disse que é urgente a instalação de um Posto Médico, pois o da Penha é insuficiente para toda a população da Leopoldina. Realmente. Sugeriu, ainda dona Enedina, que em Parada de Lucas fosse instalado um mercadinho ou, ao menos, parasse um caminhão para venda de verduras.

Dona Francisca, que entrevistamos em seguida, reafirmando o que dissera dona Enedina acrescentou:

— Pois é, moça, tudo está muito difícil, muito longe. A carne é só para os ricos. Mesmo a de cr\$ 6,00 não é para o varejo, pois é vendida no câmbio negro. Só podemos comprar carne de cr\$ 5,00, que é costela pura.

— O leite também é difícil e caro, acrescentou dona Maria, outra sra. presente.

Dona Maria Ornelas, com quem falamos depois, explicou bem o problema da água:

— Existe uma única bica bastante longe da maioria das casas, onde geralmente falta água. Andam as pessoas até quilômetros para não encontrar uma gota sequer. Quem pode pagar, teria que gastar nada menos de cr\$ 24,00 por dia, assim mesmo 12 latas não chegariam para todo o serviço de casa. Essa a razão de andarem as crianças para cima e para baixo, carregando água, quando encontram. Meu ma-

rido carregou tanta água, o peso foi tão grande que causou uma úlcera no estômago. Assim, o problema da água é geral.

Ainda nos falaram as sras. Alda Bambini, mãe de cinco filhos e dona Laura de Oliveira, que tem quatro filhos repetindo todas as queixas que já tinhamos ouvido, dizendo, ainda, que também há o problema da moradia, pois o aluguel de um barraco de madeira custa, no mínimo cr\$ 100,00 e os casebres de cimento cr\$ 250,00, aluguel mensal.

A reportagem de MOMENTO FEMININO não pode deixar de registrar a presença de uma menina de oito anos, que carrega água o dia inteiro, para ajudar o sustento da família, chamada Irene.

Mas, vamos terminar o que ouvimos e vimos em Parada de Lucas, repetindo as palavras de dona Maria Ornelas:

— Acho que só a União das mulheres resolverá esses problemas. Lutaremos para conseguir água encanada em todas as ruas pois não se consegue nada sem luta.

Nós também achamos isso e, assim, nosso jornal fará o possível para ajudar a essas amigas no sentido de se unirem e melhorarem suas condições de vida.

COZINHA

VIRGINIA

COMO APROVEITAR O QUE SOBROU DA VÉSPERA?

... 1) BOLINHO DE ARROZ

Uma boa quantidade de arroz da véspera, 1 colher (sopa) de manteiga, leite (quantidade suficiente para ligar), 3 ovos, um pouco de queijo ralado, farinha de trigo quanto baste.

Se o arroz estiver muito solto, junte um pouco de água e leve-o a cozinhar mais um pouco; junte depois a manteiga, o leite e os ovos, o queijo e aos poucos a farinha de trigo. Misture tudo muito bem, procurando tornar uma massa, depois faça os bolinhos e frite em gordura quente.

3) RIZOTO DE FRANGO

Tome sobras de um franguiño ou galinha, desfie muito bem e faça um novo refogado, com gordura, dois ou três tomates, temperos verdes e cebola, deixando ficar bastante caldo. Misture uma boa quantidade de arroz já cosido, despeje em um prato que vá à mesa e ao forno e arrume, polvilhando o queijo ralado, rodela de tomate, ovos e azeitonas. Leve ao forno para cozer.



2) PUDIM DE CARNE

Sobras de carne assada da véspera.

Corte a carne em pequenos pedaços, tome um pouco de linguiça ou presunto, 1 pão, cheiro verde, 1 colher (sopa) de manteiga, meia colher (sopa) de farinha de trigo, 1 xícara de água, 2 ou 3 ovos, farinha de rosca, azeitonas, rodela de cebola e um tomate.

Pique a carne, junte a linguiça ou o presunto bem cortadinho, o pão amolecido em leite e os temperos. Em uma caçarola derreta a manteiga, acrescente a farinha de trigo e a xícara de água; mexa bem, despeje a carne e deixe ferver. Em seguida, arrume tudo em um prato que vá ao forno e à mesa (Pirex ou mesmo de alumínio) junte azeitonas, alize bem com uma faca. Cubra com ovos batidos, regue com manteiga derretida e leve ao forno para tostar.

SOBREMESAS

1) DOCE DE ABÓBORA COM CÔCO

Meio quilo de abóbora, meio quilo de açúcar, 1 côco. Cozinhe uma abóbora descascada em um pouco de água. Escorra e passe em peneira fina, junte açúcar à massa obtida e leve ao fogo, mexendo sempre. Quando começar a ferver, junte o côco ralado e continue mexendo até o doce ficar num bom ponto, isto é, com pouca calda e grossa. Deixe esfriar e deite-o em compoteira.



Festival da Juventude

Milhares de jovens de todo o mundo reuniram-se em Berlim, no mês de agosto, para apresentar seus cantos juvenis, suas dansas e a arte de seu povo, elevando, ao mesmo tempo, um clamor vibrante em de-



Jovens sorridentes, conduzindo flores e pombas da paz, caminham pelas ruas de Berlim na grande Marcha da Liberdade, realizada a 12 de agosto.

fesa da paz mundial, contra os preparativos de uma nova guerra, que ameaça em primeiro lugar a vida da juventude.

Foi uma festa magnífica! Os jovens representantes de mais de uma centena de nações, entre os quais estavam os delegados da juventude do Brasil, levaram ao coração de Berlim, ao povo alemão que caminha agora por uma nova estrada, de democracia e de construção pacífica, suas esperanças risonhas de um futuro feliz para toda a humanidade, sua disposição firme de impedir por todos os meios uma nova guerra.

Aqui em nosso país, a imprensa que está a serviço dos provocadores de guerra, procurou caluniar os propósitos do Festival da Juventude, utilizando para isso três infelizes estudantes bahianos, que se prestaram ao infame papel de lacaios servís de tudo que os obrigaram a dizer.

Mas a visão estupenda dos milhares de jovens em marcha pelas ruas de Berlim, sua alegria e seu entusiasmo, são uma prova evidente dos ardentes objetivos desse Festival: Paz e Felicidade para os jovens do mundo inteiro!



Bailarinas soviéticas apresentam aos jovens de todo o mundo a graça e a beleza das dansas regionais de seu país. A delegação soviética foi premiada em vários dos concursos realizados durante o Festival.

Campanha de Finanças

RESUMO GERAL

Encerrada a 31 de julho a CAMPANHA DE AJUDA A IMPRENSA FEMININA, damos abaixo, os resultados obtidos conforme prometemos em nosso último número:

| | Cota Atribuída | Realizada | Percentg. |
|---------------------------|-------------------|------------------|---------------|
| Santa Catarina .. | 2.000,00 | 500,00 | 25% |
| Alagoas | 500,00 | 100,00 | 20% |
| Distrito Federal .. | 40.000,00 | 7.522,70 | 18,80% |
| Paraná | 3.000,00 | 200,00 | 6,66% |
| Rio de Janeiro .. | 15.000,00 | 693,00 | 4,62% |
| Goiás | 1.000,00 | 40,00 | 4% |
| Rio Grande do Sul | 6.000,00 | 100,00 | 1,66% |
| Minas Gerais .. . | 15.000,00 | 240,00 | 1,6 % |
| São Paulo | 40.000,00 | 130,00 | 0,32% |
| Demais Estados .. | 27.500,00 | — | — |
| Total | 150.000,00 | 9.525,70 | 6,35% |
| Comissão Central | — | 18.310,00 | — |
| Total Geral | 150.000,00 | 27.835,70 | 18,55% |

A porcentagem de 18,55% foi alcançada com a ajuda dos Cr\$ 18.310,00 obtidos pela Comissão Central, em caráter supletivo, pois do plano geral de 150.000,00 cruzeiros não constou cota atribuída a essa Comissão.

Como se vê, as cotas atribuídas a cada representante infelizmente não foram alcançadas. No entanto, a direção de MOMENTO FEMININO não deixa de agradecer aos bons amigos e amigas pelas quantias enviadas.

Estamos certas que as mulheres brasileiras, compreendendo o valor da Imprensa Feminina, saberão mostrar, em futuras campanhas, o seu grande amor ao seu jornalzinho, obtendo melhores resultados, campanhas estas que visam sempre o progresso do MOMENTO FEMININO.

VIDA DE MOMENTO

AUMENTARAM SUAS COTAS

| | | | |
|--------------------|--------------------|-------------|-------------------|
| Minas Gerais — | BELO HORIZONTE | | |
| | Ambrosina Barbosa | mais 50 | exemplares |
| | UBERABA | | |
| | Lucilia Rosa | » 20 | » |
| R. GRANDE DO SUL — | Uruguaiana | | |
| | Deuzina Goulart... | » 20 | » |
| | TOTAL | » 90 | exemplares |

Estes desenhos obedecem a campanha de violência e embrutecimento do atual cinema n. e. americano. Durante os minutos das aventuras de Tom e Jerry, inevitavelmente, poderemos assistir a toda sorte de crueldades, como enfiar vassouras pelo gulo abaixo, marteladas nos dedos, queimaduras, choques elétricos, explosões de bomba e esmagamentos variados. Em todos estes desenhos está a competição desenfreada não de o mais violento ou mais curioso, sai vencedor.

Porém, como em todos os setores, científicos, políticos e artísticos, o cinema está, atualmente, dividido em dois campos; e podemos encontrar, embora a censura policial ou monopolista não facilite, desenhos e filmes de bonecos que exaltam o

lado harmonioso da vida, a beleza e a ternura.

Neste caso está o moderno cinema tchecoslovaco, com seus desenhos e filmes de bonecos animados.

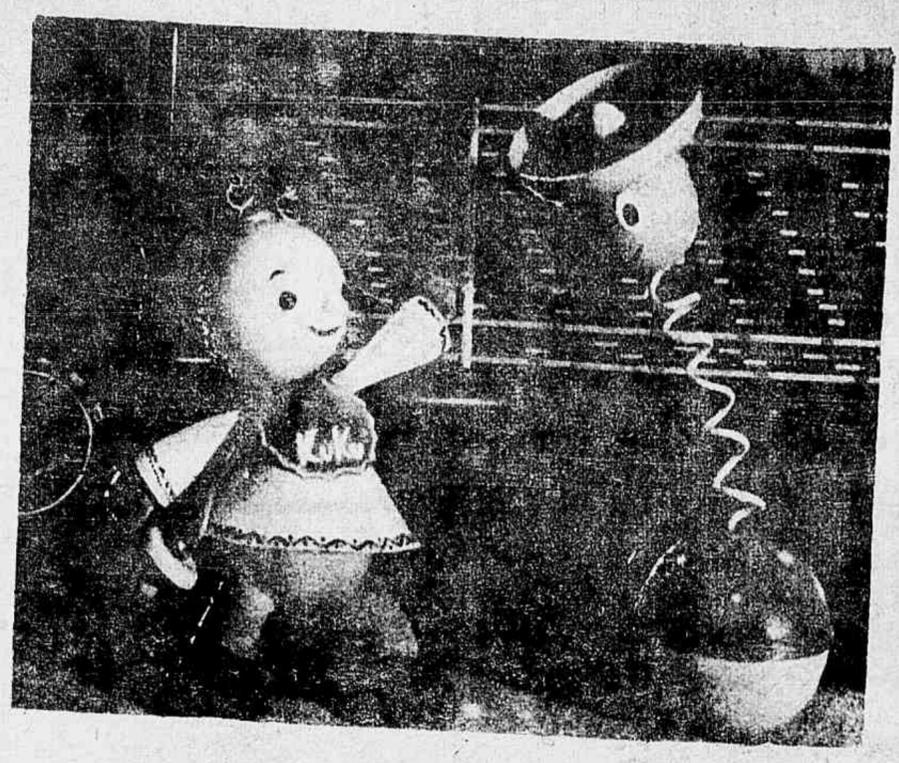
Como exemplo daremos a descrição de um desenho e de um filme de bonecos, a fim de exemplificar a diferença de orientação do cinema ocidental do cinema nas modernas democracias populares.

«O MILIONÁRIO QUE SOU»
— BOBBI SOL —

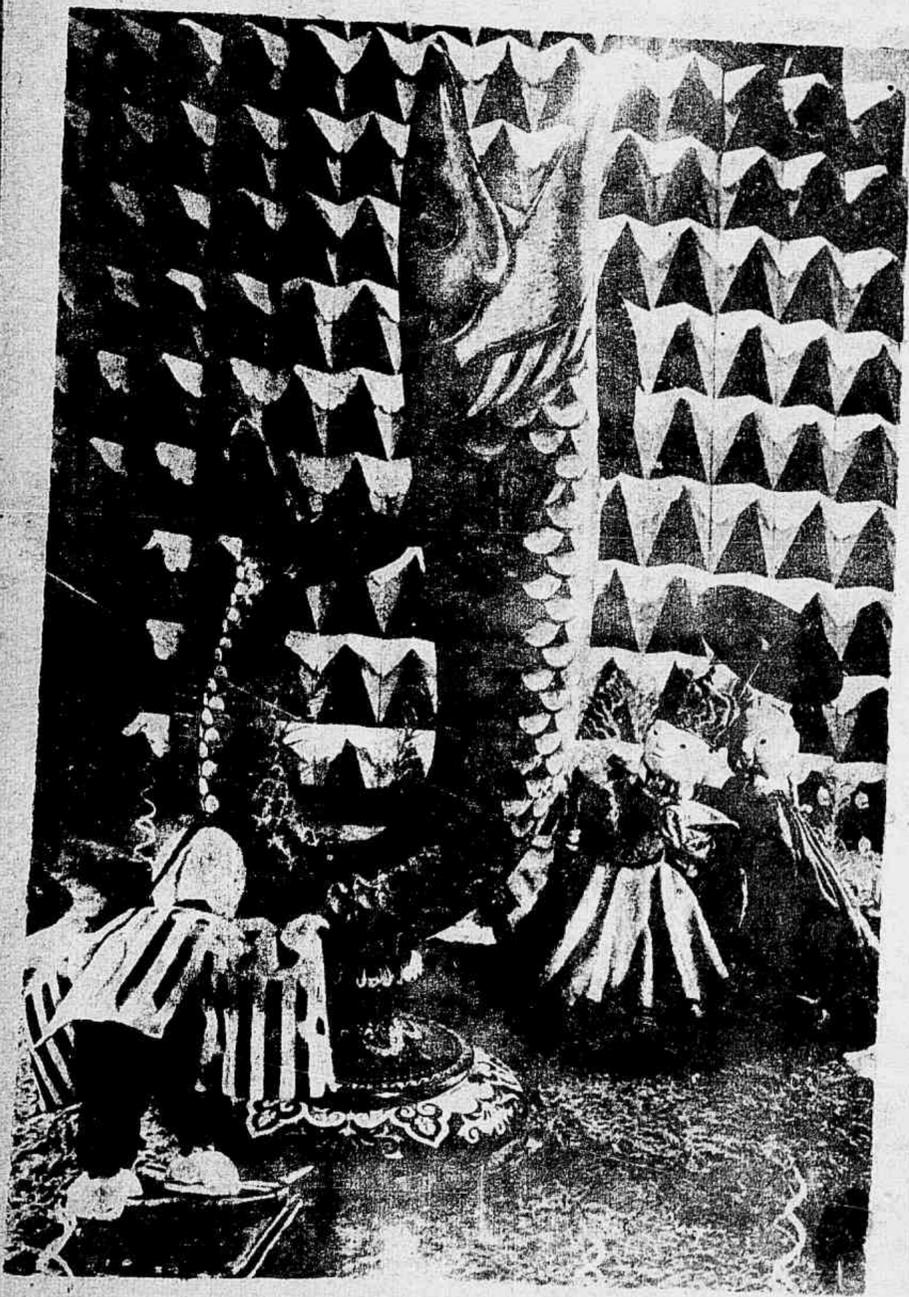
Neste desenho animado, construído de modo caricatural e pouco movimentado, a fim de marcar a intenção de sua crítica, vamos encontrar um milionário que devora, perenemente, toneladas de iguarias, enquanto lá fora os operários trabalham de manhã à noite em suas fábricas.

De tanto comer, o milionário adoece e, depois dos exames médicos, estes receitam o Sol.

O milionário ordena que seja erguido um enorme guindaste para pescar, no espaço, o Sol e o meter numa casa de ferro. Lá dentro o milionário e o Sol vivem por alguns instantes, até que a casa se derrete, o milionário morre e o Sol sai



O CINEMA INFANTIL



rotando para a rua como se fosse uma bola de brinquedo. Uma menina coloca o Sol em seu carrinho e vai depô-lo em seu devido lugar. E o desenho termina com o Sol brilhando, radiante no espaço. Continuará sendo propriedade de...

A mensagem deste pequeno desenho poderá ser resumida com o ditado: O Sol é para todos.

«CANÇÃO DE NINAR»

É um filme de bonecos animados com duas personagens de carne e osso. Mãe e filho.

Mãe delta o seu filho no berço e sai do quarto. A criança acorda e vai chorar. Porém seu bonequinho Kuku que está sobre sua camisola de flanela, anima-se e levanta-se inventando uma série de distrações, como se equilibrar na guarda do berço, ligar o rádio para várias estações, outros passatempos. Finalmente os dois adormecem, cansados de tanto brincar.

Els os dois exemplos de como estão sendo realizados nas modernas democracias populares, filmes de recreação e educação infantil.